

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Agrobioenergia/Biodiesel

Período de Análise: 01/11/2013 a 30/11/2013

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL.....	4
ETANOL	4
Cetesb multa Copersucar em R\$ 193 mil por incêndio ocorrido em Santos – Folha de São Paulo, Mercado. 08/11/2013	4
Etanol ainda puxa a moagem de cana na região Centro-Sul. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 13/11/2013.....	4
Copersucar embarca 30 mil toneladas de açúcar em terminal afetado por incêndio – Folha de São Paulo, Mercado. 14/11/2013.....	5
Os desafios do setor sucroenergético. Rui Daher – Site da Carta Capital, Economia. 15/11/2013.....	6
O etanol precisa de um horizonte estratégico – O Estado de São Paulo, Economia. 19/11/2013.....	8
Unicamp abre laboratório de pesquisa de biocombustíveis. Ricardo Brandt – O Estado de São Paulo, Economia. 25/11/2013.....	9
Copersucar deve aumentar capital – Valor Econômico, Agronegócios. 29/11/2013.	10
Reajuste de combustíveis não beneficia etanol, diz Única – Folha de São Paulo, Mercado. 29/11/2013	10
BIODIESEL	11
Agricultores conhecem cadeia produtiva de biodiesel em visita de fábrica – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 26/11/2013.....	11
POLÍTICA NACIONAL	12
ETANOL	12
Fipe: relação entre etanol e gasolina sobe para 66%. Flávio Leonel – O Estado de São Paulo, Economia. 11/11/2013.....	12
'Diversificação das usinas no Brasil é um bom exemplo'. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 12/11/2013.....	12
São Paulo critica a falta de incentivos ao etanol, 'o pré-sal paulista'. Gabriela Lara e Gustavo Porto – O Estado de São Paulo, Economia. 13/11/2013	14
Governo discute alternativa ao etanol. Gustavo Porto – O Estado de São Paulo, Economia. 19/11/2013	15
O Estado empreendedor. Marcelo Miterhof – Folha de São Paulo, Colunistas. 21/11/2013.....	16
Produção cresce no Brasil com maior oferta de cana – O Estado de São Paulo, Economia. 24/11/2013	18

Sonegação no mercado de etanol é recorde. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia. 24/11/2013.....	19
Preço do etanol sobe na usina e ao consumidor em São Paulo. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 25/11/2013	20
Herança maldita. Adriano Pires – O Estado de São Paulo, Economia. 29/11/2013	21
Usinas de etanol dizem que reajuste da gasolina não eleva competitividade. Gustavo Bonato – O Estado de São Paulo, Notícias. 29/11/2013	22
BIODIESEL	23
Preço médio do biodiesel recua 12,7% em 2013. José Roberto Gomes – O Estado de São Paulo, Economia. 04/11/2013	23
Preço médio do biodiesel recua 12,7% em 2013. José Roberto Gomes – O Estado de São Paulo, Economia. 04/11/2013	23
 NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS	 24
BIODIESEL	24
Menos biocombustíveis nos postos americanos em 2014 – Valor Econômico, Agronegócios. 18/11/2013	24

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

ETANOL

Cetesb multa Copersucar em R\$ 193 mil por incêndio ocorrido em Santos – Folha de São Paulo, Mercado. 08/11/2013

A Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) multou a Copersucar em 10 mil Unidade Fiscal do Estado de São Paulo (UFESPs), o correspondente a R\$ 193,7 mil, em virtude do lançamento de efluentes líquidos e de resíduos de açúcar, no canal do Porto de Santos (SP).

O terminal portuário da Copersucar, a maior trading de açúcar e etanol do mundo, foi acometido no dia 18 de outubro por um incêndio de grandes proporções que paralisaram os embarques de açúcar da empresa.

Segundo a Cetesb, os resíduos lançados foram provenientes das ações de controle realizadas em função do incêndio.

O acidente causou a poluição das águas dos estuários e impactos ambientais, como a mortandade de peixes, crustáceos e répteis, conforme conclusão das análises de laboratório. Elas atestaram que a calda formada pela queima do açúcar e as baixas concentrações de oxigênio na água foram as responsáveis pela morte dos organismos aquáticos.

Além da penalidade, a Cetesb fez exigências que devem ser cumpridas de imediato pela Copersucar. Entre elas, a execução de varrição de pisos internos e externos da área portuária atingida pelo incêndio, limpeza e lavagem das galerias e caixas pluviais. A Copersucar ainda terá que dar uma destinação adequada a todos os resíduos gerados no local, e adequar os sistemas de drenagens e recolhimento de águas residuárias do terminal portuário.

OUTRO LADO

Procurada pela *Folha* a Copersucar disse que está adotando todos os procedimentos sugeridos pela Cetesb. Ainda de acordo com a assessoria da Copersucar, a empresa já foi notificada sobre a multa, que está sob análise jurídica.

Etanol ainda puxa a moagem de cana na região Centro-Sul. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 13/11/2013

Novo levantamento sobre a safra 2013/14 divulgado ontem pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) confirmou que a temporada é de fato "alcooleira". Na segunda

quinzena de outubro, a produção de açúcar voltou a recuar - 3,55% na comparação com o mesmo período do ciclo passado (2012/13), para 2,45 milhões de toneladas.

Com isso, produção da commodity desde o início da safra, em maio, passou a somar 29,56 milhões de toneladas, patamar semelhante ao da mesma época da temporada passada, apesar de o volume processado de cana nesta safra 2013/14 ser superior.

O diretor técnico da Unica, Antonio de Padua Rodrigues, disse que, devido a questões técnicas, a proporção de cana destinada à produção de açúcar na segunda quinzena de outubro até apresentou um leve aumento em relação à primeira quinzena do mês e atingiu 47,75%.

Esse índice, entretanto, permanece aquém dos 51,27% registrados no mesmo período da safra passada. "Os volumes de produção até o momento confirmam a expectativa de safra alcooleira", disse.

Nos últimos 15 dias de outubro, o volume de cana processada cresceu 7,3%, para 38,79 milhões de toneladas. Desde o início da safra, foram 510,12 milhões de toneladas, quase 12% mais que em igual intervalo de 2012/13 (455,49 milhões).

Apesar da moagem maior, a qualidade da matéria-prima caiu. Na segunda quinzena de outubro, o teor de açúcar na cana - ATR (Açúcar Total Recuperável) diminuiu 3,49%, para 138,91 quilos por tonelada de cana. Desde o início da temporada, a retração é de 1,44%, para 133,90 quilos por tonelada.

Se a produção de açúcar "derrapa", a de etanol continua em expansão no Centro-Sul. Na segunda quinzena de outubro, informou a Unica, o aumento sobre o mesmo período do ciclo 2012/13 foi de 10,92%, para 1,64 bilhão de litros. O aumento foi puxado pelo anidro (misturado à gasolina), cuja produção cresceu 16,4%, para 795 milhões de litros. Desde o início da safra atual, a produção total de etanol já subiu quase 20%, para 21,83 bilhões de litros.

Copersucar embarca 30 mil toneladas de açúcar em terminal afetado por incêndio – Folha de São Paulo, Mercado. 14/11/2013

A Copersucar, maior comercializadora de açúcar e etanol do mundo, começou a carregar 30 mil toneladas de açúcar a granel em seu terminal portuário em Santos, danificado por um incêndio recente, disse a agência marítima SA Commodities.

O incêndio ocorreu no dia 18 de outubro e atingiu seis armazéns de açúcar de um dos terminais do porto de Santos. O incêndio foi considerado o maior da história do porto, segundo a autoridade portuária.

O carregamento ocorre em um ritmo reduzido, com apenas um carregador de navios e uma correia transportadora trabalhando. O navio Olivia Bianco Bulker notificou que

começou a carregar na tarde de segunda-feira e provavelmente vai terminar de carregar nesta quinta-feira (14).

A SA Commodities disse que o açúcar que está sendo carregado parece ter sido recuperado do incêndio que destruiu grande parte dos cinco armazéns e do sistema de carregamento da Copersucar no complexo portuário de Santos, que danificou 180 mil toneladas de açúcar a granel.

O terminal incendiado havia sido inaugurado na sua atual forma em junho, após dois anos de obras que levaram à duplicação da sua capacidade, chegando a 10 milhões de toneladas por ano.

A maior parte dessa capacidade foi destruída pelo fogo e vai exigir a reconstrução, o que poderia levar um ano ou mais, de acordo com analistas.

A SA Commodities disse que Copersucar está conseguindo carregar 500 toneladas de açúcar por hora.

A movimentação, mesmo que lenta, poderia ajudar a comercializadora e sua 47 usinas associadas a restabelecer seus negócios de exportação de açúcar.

Se a taxa de embarque for essa mesmo e puder ser mantida, significaria que a Copersucar ainda poderia exportar mais de 3 milhões de toneladas de açúcar a granel por ano por meio do funcionamento parcial de seu terminal. A estimativa não leva em conta a capacidade adicional que a empresa está reservando em outros terminais para exportação.

Não está claro o volume de açúcar que foi recuperado do incêndio. Um representante da Copersucar disse por e-mail que a empresa estava retirando parte do açúcar que permaneceu em alguns dos armazéns após o acidente. A empresa não deu detalhes adicionais.

Os desafios do setor sucroenergético. Rui Daher – Site da Carta Capital, Economia. 15/11/2013

O fato de a Petrobrás administrar o preço da gasolina fez a relação pender para o combustível fóssil e cair a produção nacional de etanol

Tá enrolado. E quando assim é, evita-se tocar no assunto. Estivesse numa semana de mais preguiça, falaria de soja, mesmo milho, previsões que são uma baba, e não opinaria sobre o setor sucroenergético.

Quando sai dos canaviais, passa pelos açúcares, e chega aos vários alcoóis – um deles muito saboroso – generaliza-se como etanol. E por onde passa tem encontrado perrengues. Encontrões que lembram lutas de sumô, tal o peso dos contendores.

Clima adverso, mudanças operacionais da mecanização, leis ambientais, milho norte-americano, a Índia e, como sempre, desencontros com o governo.

O fato não é inédito. Voltar ao passado poderá entediá-los, mas, vá lá, só um pouquinho.

Embora o uso do álcool, como aditivo à gasolina, date de 1931, somente tomou dimensão, a partir de 1975, no governo Geisel, com o Programa Nacional do Álcool (PROALCOOL), idealizado por cabeças privilegiadas que nos viam ferrados sem enfrentar a escassez de petróleo e seus preços.

Na baita crise, o plano nos ajudou e teve um viço de dez anos. A produção de álcool saiu de 600 milhões de litros, no biênio 1975/76, para 12,3 bilhões, em 1986/87. 35% ao ano, sô! As montadoras produziram milhões de uns carrinhos que de manhã custavam a pegar.

Commodity terrível, a partir daí, a cotação do barril de petróleo começou a cair e chegou a 30 dólares, em 1996. O governo começou a coçar a cabeça e, três anos depois, parou de subsidiar o etanol. Fernando Henrique Cardoso, presidente, havia se convencido de um mundo neoliberal que fazia tudo sozinho. Inclusive, nos quebrar.

As montadoras voltaram a produzir veículos movidos à gasolina, e a engenhosa construção começou a ruir.

Vigorando, manteve-se apenas a inclusão da mistura do álcool anidro à gasolina.

A partir de 2003, as montadoras começaram a produzir veículos flex, que serviam a dois reis combustíveis.

Chamado, um professor de aritmética ensinou continha básica: dê preferência ao etanol sempre que ele custar no posto até 70% do preço da gasolina.

Reis ficaram os consumidores, a maioria com flex nas rodas. Com isso a demanda por etanol, em 2008, equiparou-se à de gasolina, e sua produção saltou de 12,6 BB de litros, em 2002, para 28,2 em 2010.

Mudou a matriz energética brasileira. Bagaço de cana em bioeletricidade. Nível de rendimento de seis a oito vezes melhor que o milho de Ohio.

No período, muito se investiu na produção primária: “o estado de São Paulo transformou-se num imenso canavial” (...) “o Brasil volta ao tempo de colônia, um país monocultor de cana”, apavoravam-nos as folhas e telas cotidianas, aquelas que gostam, não gostam, ou não sabem, mas falam.

Bem, o estado de São Paulo, segundo levantamento do IBGE, continua a produzir com expressão mais de 30 culturas agrícolas, nem nasceu Gilberto Freyre algum que escrevesse obra-prima como ‘Casa Grande e Senzala’.

Muitas usinas foram construídas. As projeções justificavam 300 novas para atender a demanda. Gigantes do setor se internacionalizaram. Competitivos, lutamos pela queda na sobretaxa norte-americana que, limitados pela produção de milho, veio em 2011.

Tudo e todos na maior animação.

De repente, não mais do que de repente, à breca. Um nome surgiu na tela dos suculentos representantes do setor sucroenergético: Petrobras.

O fato de a estatal administrar o preço da gasolina fez a relação pender para o combustível fóssil e cair a produção nacional de etanol.

Esse, pelo menos, o motivo dado por dez entre dez executivos do setor, ajudados pelo fato de o Brasil, hoje, importar etanol.

Penso que a política energética de uma nação precisa do dedo do governo. Não, porém, para estragar.

Penso que as empresas do setor erraram a mão algumas vezes, como logo após a crise de 2008, quando os preços do açúcar se tornaram muito mais compensadores.

Também, quando interromperam investimentos, preferindo a concentração industrial e a compra de terras, um óbvio em franca evolução nas últimas décadas.

Mas, verificar que enquanto, em dez anos, o preço do barril do petróleo evoluiu mais de quatro vezes, e o preço da gasolina nos postos subiu apenas 32%, é querer muito perfilho da energética gramínea, não?

Otimista, informo que logo tudo vai melhorar. Aliás, pra já. Todos estão se mexendo.

O etanol precisa de um horizonte estratégico – O Estado de São Paulo, Economia. 19/11/2013

No início deste mês, a Agência Nacional do Petróleo (ANP) informava que o preço do litro do etanol, que deve corresponder a 70% do da gasolina, estava abaixo desse percentual em dez Estados e no Distrito Federal, mas acima disso em outras 16 unidades da Federação. Como resultado, neste ano, somente 23% dos donos de carros flex abasteceram com etanol hidratado, um forte retrocesso em relação a 2009, quando 66% desses carros consumiram esse tipo de combustível renovável e mais limpo.

Segundo a gerente de Planejamento de Marketing de Combustíveis da Petrobrás, Rosane Lodi, a participação do etanol no consumo interno caiu abaixo dos níveis alcançados antes da popularização dos carros bicombustíveis no País. Com a introdução dos "flex", a partir de 2003, a indústria automotiva passou a produzi-los em escala crescente, acompanhando o crescimento do consumo. E ainda hoje cerca de 90% dos automóveis aqui fabricados são "flex", e a frota nacional já é superior a 20 milhões de unidades, segundo a Anfavea.

A demanda externa por etanol tem flutuado, mas este ano, graças a uma boa safra de cana e à desvalorização do real, as exportações do produto alcançaram US\$ 1,492 bilhão de janeiro a setembro, uma expansão de 12,34% em relação ao mesmo período do 2012. Isso tem amenizado a situação de algumas empresas, mas o volume das vendas externas está muito longe de tornar o etanol uma commodity, como os produtores previam há alguns anos.

Na realidade, o setor vive hoje sem horizonte estratégico. Nos últimos dois anos, 57 usinas fecharam e apenas 2 entraram em funcionamento. Segundo o diretor da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), Antonio de Pádua Rodrigues, além da perda do etanol no mercado interno, o que mais preocupa é a falta de previsibilidade nos preços, o que inibe diretamente os investimentos. Muito incentivados em passado recente, pelo avanço dos carros "flex" e da mistura do etanol anidro à gasolina na proporção de 25%, estão agora sem perspectivas.

A médio prazo, a única perspectiva favorável seria um reajuste dos preços da gasolina e do diesel para o consumidor. Já foi anunciada a possibilidade de reajuste automático dos combustíveis - o chamado "gatilho". Duvida-se, porém, de que, às vésperas de um ano eleitoral e sob pressão da inflação, haja disposição no governo para criar fatos que animem os investidores em etanol.

Unicamp abre laboratório de pesquisa de biocombustíveis. Ricardo Brandt – O Estado de São Paulo, Economia. 25/11/2013

Com investimento de R\$ 7,9 milhões da Shell Brasil Petróleo, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no interior de São Paulo, inaugurou nesta segunda-feira, 25, o Laboratório de Caracterização de Biomassa, especializado em pesquisas de biocombustíveis. O laboratório servirá para estudos de docentes e pesquisadores da Unicamp e também para clientes externos. Construído dentro da Unicamp, a Shell e outras companhias podem desenvolver estudos sobre biomassa no espaço, que é vinculado à Faculdade de Engenharia Química.

Apesar da vocação natural para análises de etanol de segunda geração, a partir do bagaço da cana-de-açúcar, o laboratório pode servir para pesquisas de diversas áreas, como de alimentos, biologia e química. "A unidade, certamente, será muito útil a todos aqueles que precisarem fazer caracterização de sólidos", afirma a professora Maria Aparecida Silva, uma das idealizadoras do projeto.

A Shell investiu R\$ 6 milhões só na construção do prédio e na compra de equipamentos. A Unicamp cedeu o terreno, a infraestrutura urbana e o sistema de comunicação. O laboratório começa a funcionar em dezembro e entra em operação plena em março. As tratativas para pesquisa colaborativa entre Unicamp e Shell começaram em 2007. A construção do laboratório foi apresentada em 2008 para a Agência Nacional do Petróleo (ANP), que pela lei fiscaliza as pesquisas realizadas pelas companhias exploradoras.

Copersucar deve aumentar capital – Valor Econômico, Agronegócios. 29/11/2013

A Copersucar, maior trading global de açúcar e etanol, vai propor a seus acionistas um aumento de capital no valor de R\$ 100 milhões, mediante a emissão de novas ações ordinárias, segundo apurou o Valor. A companhia, que tem 47 usinas sócias e faturamento de R\$ 15 bilhões, convocou uma assembleia geral extraordinária para o dia 17 de dezembro para aprovar a proposta.

A proposta de aumento de capital será feita dois meses após armazéns do terminal açucareiro da empresa no porto de Santos (SP) serem parcialmente destruídos por um incêndio, que também queimou cerca de 180 mil toneladas de açúcar.

Os embarques de açúcar ao exterior foram paralisados. Como as esteiras e os shiploaders (que carregam o açúcar no navio) não foram afetados pelo incêndio, com algumas adaptações, a companhia reabriu os embarques no terminal (com capacidade reduzida). No dia 18, conseguiu concluir o carregamento do primeiro navio de açúcar bruto, com 30 mil toneladas.

Nesta safra 2013/14, a companhia pretendia exportar 7,3 milhões de toneladas de açúcar. Antes do incêndio, entre os meses de abril e setembro deste ano, a empresa já havia embarcado 3,3 milhões de toneladas.

Reajuste de combustíveis não beneficia etanol, diz Única – Folha de São Paulo, Mercado. 29/11/2013

O reajuste de 4% no preço da gasolina, anunciado nesta sexta-feira pela Petrobras, não vai aumentar a competitividade do etanol, segundo a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar).

A associação que representa os produtores de álcool afirmou, por meio de nota, que o aumento de 8% do diesel "elimina qualquer benefício em potencial que o aumento da gasolina pudesse produzir para o etanol".

A entidade afirma que, por causa do alto grau de mecanização na colheita atualmente, o diesel mais caro afeta de maneira significativa os custos de produção do combustível derivado da cana.

"Além disso, a lei determina que, a partir de 2014, as usinas terão que adquirir o S10, versão menos poluente do diesel e ainda mais cara. Assim, qualquer ganho de competitividade para o etanol com o aumento no preço da gasolina será praticamente neutralizado pelo aumento que o diesel vai gerar nos custos de produção", diz o diretor técnico da Unica, Antonio de Padua Rodrigues.

A lógica é a de que, para não saírem no prejuízo, as usinas podem também ser obrigadas a reajustar os preços do biocombustível, reduzindo a competitividade do etanol em relação à gasolina.

As usinas também reclamaram da continuidade da falta de previsibilidade na formação do preço da gasolina -condição apontada pelo setor como "um dos maiores obstáculos para a ausência de investimentos na retomada do crescimento do setor sucroenergético brasileiro".

Havia a expectativa de que a Petrobras divulgasse mudanças na formulação do preço do combustível, mas nesta sexta-feira a estatal informou que, "por razões comerciais, os parâmetros da metodologia de precificação serão estritamente internos à companhia". Isso significa que a tão aguardada fórmula de reajustes não será divulgada por enquanto.

"Continuamos sem um sistema, uma fórmula com parâmetros claros e estáveis, que torne possível entender qual o embasamento para manter ou ajustar o preço da gasolina. Sem essa clareza e apenas com ajustes pontuais de forma aleatória, não é possível planejar um futuro com rentabilidade para o etanol," acrescentou o diretor da Unica.

BIODIESEL

Agricultores conhecem cadeia produtiva de biodiesel em visita de fábrica – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 26/11/2013

Em um dia de campo, 60 agricultores familiares do Rio Grande do Sul viram de perto como é feito o processamento da matéria-prima produzida por eles. Nesta terça-feira (26), a unidade industrial da empresa Bianchini, em Canoas (RS), abriu as portas de seu complexo industrial para agricultores e agricultoras familiares conhecerem os padrões e formas de controle de qualidade da soja.

A visita mostrou como boas práticas agrícolas podem refletir na qualidade da soja e de seus derivados, bem como a qualidade do produto se relaciona com o preço pago ao agricultor.

Para conhecer todas as etapas do processamento – recepção do grão, esmagamento, produção de biodiesel e armazenamento –, além dos laboratórios de controle de qualidade, os agricultores fizeram uma visita guiada por técnicos da empresa.

O evento contou com a presença de representações sindicais dos municípios e de membros da Coordenação de Biocombustíveis do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul. A atividade é parte das ações da empresa para o fortalecimento da agricultura familiar no estado, conforme critérios do Selo Combustível Social.

A empresa possui contratos com cooperativas da agricultura familiar e com agricultores individuais. Na safra atual, envolve direta e indiretamente quase 40 mil agricultores. Somente em 2013, aportou cerca de R\$ 150 milhões em aquisições da agricultura familiar.

A empresa de comercialização e esmagamento de grãos obteve a certificação do MDA, em novembro de 2012. Com 53 anos de experiência e esmagamento médio anual de 1,5 milhões toneladas de soja, a unidade industrial situada em Canoas está entre as cinco maiores empresas brasileiras do setor, com capacidade anual de produzir 324 milhões de litros de biodiesel.

POLÍTICA NACIONAL

ETANOL

Fipe: relação entre etanol e gasolina sobe para 66%. Flávio Leonel – O Estado de São Paulo, Economia. 11/11/2013

SÃO PAULO - A relação entre o preço médio do etanol e o valor médio da gasolina alcançou o nível de 66,22% na primeira semana de novembro na capital paulista, conforme levantamento distribuído pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). Apesar de ainda continuar vantajoso para o consumidor, o número apurado representou a maior marca desde a quarta semana de maio, quando a relação ficou em 68,50%.

Segundo especialistas, o uso do etanol deixa de ser vantajoso em relação à gasolina quando o preço do derivado da cana-de-açúcar representa mais de 70% do valor da gasolina. A vantagem é calculada considerando que o poder calorífico do motor ao etanol é de 70% do poder dos motores à gasolina.

Na quarta semana de outubro, o nível havia sido de 64,48%. Na primeira semana de novembro de 2012, havia atingido a marca de 65,96%.

Na análise específica sobre o comportamento isolado dos preços dos combustíveis, as notícias para o consumidor paulistano são um pouco menos favoráveis, no caso do etanol. De acordo com outro tipo de levantamento da Fipe, que leva em conta a metodologia do Índice de Preços ao Consumidor (IPC), o valor médio do derivado da cana apresentou alta de 1,91% na primeira quadrimestre do mês (últimos 30 dias encerrados em 7 de novembro) ante avanço de 1,80% no encerramento de outubro.

Quanto à gasolina, a alta do combustível mudou pouco entre o fim do mês passado e o começo do atual. No levantamento da Fipe por meio do IPC, o valor médio do derivado do petróleo subiu 0,04% contra avanço anterior de 0,09%.

'Diversificação das usinas no Brasil é um bom exemplo'. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 12/11/2013

Depois de quase vinte anos no cargo de diretor-executivo da Organização Internacional

do Açúcar (ISO, na sigla em inglês), o alemão Peter Baron deixará em dezembro o cargo para se aposentar. Quando assumiu a função, o Brasil ainda emergia no comércio internacional da commodity, com algo próximo de 6% de participação, ainda atrás de importantes produtores, como os europeus e os cubanos. Atualmente, o açúcar brasileiro é líder das exportações globais, com fatia de 50%, façanha que Baron, naquela época, jamais imaginaria ser possível.

Mas essa não foi a única das surpresas que o Brasil trouxe ao mercado de açúcar. Para Baron, a diversificação brasileira a partir da cana-de-açúcar, com a produção de etanol e eletricidade em larga escala, é um exemplo do que indústria açucareira mundial, responsável por ofertar 175 milhões de toneladas do produto por ano, deveria fazer para se proteger dos altos e baixos cada vez mais frequentes desse mercado.

"Até os mais eficientes produtores de açúcar não vão conseguir avançar sem diversificação. Esse exemplo vem do Brasil. Não importa o que acontecer no mercado mundial, a indústria brasileira sobrevive melhor", avalia Peter Baron. À diversificação, o executivo acrescenta os novos produtos provenientes da sacarose da cana, como os bioquímicos e os bioplásticos.

Em recente entrevista ao Valor durante a conferência de açúcar da Datagro, em São Paulo, Baron recordou que quando chegou à ISO, em 1995, encontrou uma associação praticamente falida, com a quebra do então regime soviético, que debilitou a maior potência açucareira da época, Cuba. "Não sabíamos como pagaríamos os salários ou o aluguel", lembra. Naquela época, o Brasil exportava em torno de 2 milhões de toneladas de açúcar, bem abaixo das cerca de 27 milhões de toneladas atuais.

A guinada da indústria açucareira do Brasil naquele contexto teve uma grande "ajuda" do etanol, na visão de Baron. Ele se lembra da primeira vez em que participou de um workshop no Brasil com tema etanol e meio ambiente. "Aquilo parecia não fazer o menor sentido. Os membros da organização me questionavam: o que eles estão fazendo? Hoje, a energia está no topo das preocupações do mundo", afirma.

A ISO tem entre suas funções a elaboração de estatísticas e estudos especiais e atualmente 50% das encomendas nesse sentido têm como tema a "diversificação". Apesar do ambiente de mercado retraído para o etanol neste momento, o diretor da organização acredita que o biocombustível ainda se tornará, sim, uma commodity internacional e terá um papel importante, particularmente em países menores. "Para eles, será importante produzir etanol, mesmo se não forem os mais eficientes. Ao ser considerado o gasto para importar petróleo, produzir etanol pode ser uma grande vantagem", diz Baron.

O entusiasmo do diretor da Organização Internacional de Açúcar com o etanol não significa que as perspectivas para o açúcar não sejam promissoras. Segundo Baron, o crescimento da demanda mundial por açúcar, de 2% a 2,5% ao ano, representa um consumo adicional de 3 milhões de toneladas.

Essa procura, consequência do aumento do consumo de produtos industrializados na Ásia, manterá esses níveis de crescimento no futuro, na avaliação de Baron. "Há dez anos, o aumento no consumo de açúcar era devido, em 80% dos casos, ao crescimento da população. Hoje, o principal motivo é o aumento da renda", afirma Baron.

Apesar de não esboçar dúvidas sobre a pujança da demanda, Baron avalia que, sobreviverá melhor, quem investir em outros segmentos como o dos bioquímicos, bioplásticos, etanol e eletricidade. "Em 2020, somente o Brasil estará direcionando o equivalente a 6 milhões de toneladas de açúcar (ou 4 bilhões de litros de etanol) para produção de bioquímicos", estima.

Uma maior concentração na exportação de açúcar tende a ocorrer nos próximos anos, com o Brasil mantendo a liderança, afirma Baron. "O que aconteceu com as usinas brasileiras foi claramente um impacto da crise financeira. Isso vai mudar", diz, numa referência aos problemas que afetaram o setor.

Austrália e Tailândia seguirão como importantes players, mas a Índia pode surpreender, na visão de Baron. Ele enxerga um movimento de menor interferência do governo indiano no mercado de açúcar. "A indústria indiana está sendo menos regulada", acredita.

São Paulo critica a falta de incentivos ao etanol, 'o pré-sal paulista'. Gabriela Lara e Gustavo Porto – O Estado de São Paulo, Economia. 13/11/2013

Falta uma regulamentação federal para que o setor sucroalcooleiro pode se desenvolver mais\|", afirma o secretário do Desenvolvimento Rodrigo Garcia

SÃO PAULO - O secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, Rodrigo Garcia, destacou a importância do setor sucroalcooleiro e disse que o segmento é "o pré-sal paulista".

Em sua participação no evento Fóruns Estadão Regiões - Sudeste, ele criticou o fato de o governo federal desonerar a gasolina, o que prejudica as usinas, pois torna o etanol menos competitivo. "Falta uma regulação federal para que esse setor (sucroalcooleiro) se desenvolva mais", disse.

Perguntado sobre os efeitos do pré-sal para o Estado, Garcia destacou o impacto positivo dos royalties. "Entretanto, isso só ocorrerá mais para frente. Por enquanto, esse ambiente é favorável para o desenvolvimento de pesquisa."

Já o secretário de Desenvolvimento Econômico do Estado do Rio de Janeiro, Julio Cesar Carmo Bueno, disse que o pré-sal vai gerar uma mudança profunda na economia brasileira. "Há uma revolução acontecendo em investimentos. Isso terá um forte impacto macroeconômico."

Segundo ele, para o Rio de Janeiro a questão do pré-sal é importante não só no que se refere à arrecadação de receitas públicas por meio dos royalties. "Também gera uma série de oportunidades para as empresas, inclusive de melhorar o uso de sua capacidade instalada."

A secretária de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais, Dorothea Werneck, afirmou que o leilão do Aeroporto Internacional de Confins, no próximo dia 22, "não será um leilão vazio".

Ela avaliou que dois consórcios já demonstraram interesse no aeroporto e que o número poderá chegar a três até o dia do leilão.

Dorothea citou que a malha mineira tem 94 aeroportos, número maior do que a Infraero tem no Brasil. "Temos um programa de desenvolvimento regional com 35 aeroportos e a ideia é que nenhuma cidade mineira fique a mais de 100 quilômetros de um aeroporto".

Sobre a malha rodoviária, Dorothea criticou a falta de investimentos do governo federal nas rodovias locais que não pertencem ao Estado. "O caos de Minas Gerais é ter de aguardar programa federal para estradas. É duro ter de chamar a BR-381 de rodovia da morte".

Governo discute alternativa ao etanol. Gustavo Porto – O Estado de São Paulo, Economia. 19/11/2013

Exemplo na produção e consumo de etanol hidratado em larga escala e ambientalmente correto, o Brasil corre o risco de reverter esse ganho caso o governo aceite a proposta de substituir o combustível feito 100% com cana-de-açúcar pelo chamado E85. Em vez de álcool puro, o E85 é uma mistura de 85% de etanol anidro e 15% de correntes intermediárias de gasolina, ou seja, um derivado de petróleo de menor qualidade.

A proposta é discutida na "Sala do Etanol" do Ministério de Minas e Energia por representantes do governo, distribuidoras e Petrobrás, que defendem a nova mistura, e pelos produtores de etanol, contrários ao E85. A ideia é padronizar a produção do etanol em anidro, que hoje já é misturado à gasolina em 25%. Assim, o abastecimento dos carros seria dividido entre o novo E85, em lugar do etanol hidratado, e a manutenção da gasolina C, mistura de gasolina A (pura) com 25% de etanol anidro.

"A posição do governo é fomentar o debate. Cada um que coloca o ponto de vista tem motivos e preocupações. Não tem definição ou prazo para decisão, que será tomada se tiver mais prós do que contras", disse ao Broadcast, serviço em tempo real da Agência Estado, o diretor do Departamento de Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia, Ricardo Dornelles. Indagado se a medida não geraria críticas pelas perdas ambientais, ele foi irônico: "Há alguma coisa que o governo faz que não tem crítica?"

Aval

Um documento obtido pela reportagem mostra que a questão principal para a Petrobrás é financeira. Com um rombo nos cofres após disparada na importação de gasolina A, que deve atingir o recorde de US\$ 10 bilhões em 2013, a estatal deu aval ao novo combustível. O documento justifica que uso do E85 elevaria em 15% o consumo de etanol e também geraria economia no uso da gasolina pura.

Com isso, a importação de gasolina de baixa octanagem reduziria a compra de gasolina pura e aliviaria o caixa da empresa. "O uso do E85 com correntes intermediárias permitiria uma redução de importações de gasolina A. O ganho está no diferencial de custo entre a importação desses dois produtos", diz a Petrobrás no relatório.

Com base inicial em 2014, a companhia estima que as importações de gasolina, mantido o cenário atual, crescerão 3% em 2015, 41% em 2017 e 58% em 2020. A previsão considera ainda que o teor da mistura de 25% do anidro à gasolina deve ser mantido. "Se houver a redução do teor de anidro na gasolina C, os volumes importados serão ainda maiores, na medida em que o volume de produção interna se reduz em cerca de 10%."

Segundo fontes do setor, a mudança evitaria também problemas logísticos à estatal, diante da estimativa de alta na importação de gasolina pura. Procurada, a Petrobras disse que não comentaria o assunto.

Principal prejudicada, a indústria sucroalcooleira informou, via União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), que o assunto "não está mais em pauta, que a proposta foi descartada e a posição fechada pela entidade" é contrária à mudança. Outra proposta, de aumentar a mistura do anidro à gasolina de 25% para 30%, também teria sido descartada.

Já o Sindicato das distribuidoras de combustíveis (Sindicom) avalia, em estudo, que o E85 traria menor volatilidade entre os preços da gasolina e o etanol, maior previsibilidade de demanda e maior segurança no abastecimento. Mas o sindicato alerta para a necessidade de revisão tributária com o surgimento do novo combustível. As informações são do jornal *O Estado de S. Paulo*.

O Estado empreendedor. Marcelo Miterhof – Folha de São Paulo, Colunistas. 21/11/2013

A coluna passada destacou que a atuação do Estado -ao tomar e diluir riscos que a iniciativa privada não é capaz de aceitar- condiciona decisivamente o desempenho das empresas. Hoje, o objetivo é discutir casos recentes de interação público-privada em inovações.

No livro "The Entrepreneurial State", a professora da Sussex University Mariana Mazzucato mostra que o Estado tem um papel no processo inovativo que vai além do de corrigir falhas de mercado, seja como regulador, por exemplo, ao impor cuidados ambientais que as firmas não teriam sob a pressão de reduzir custos, como patrocinador da pesquisa básica ou dando benefícios tributários ao P&D.

Nos EUA, o Estado tem um papel de liderança, definindo objetivos e tomando riscos, em desafios que costumam exigir 20 anos para dar frutos de mercado.

Por exemplo, no sucesso da Apple, houve o gênio de Steve Jobs e sua equipe em criar belos designs ou em obter a fina sintonia que caracteriza a integração dos produtos da empresa. Mas os gastos públicos, civis e militares estão por trás de tecnologias -de comunicação, internet, GPS, telas sensíveis ao toque etc- sem as quais o empreendedorismo privado não teria criado a Apple ou o Google.

O Brasil tem bons exemplos nos últimos anos. Há as grandes operações de renda variável do BNDES. Essa atuação foi mal denominada de "política escolha dos campeões nacionais", sugerindo que ela envolve benefícios indevidos a grupos privados. Mas o BNDES há décadas participa de fusões e aquisições sem provocar grande alarde. A novidade recente foi que parte delas teve um objetivo nobre, a internacionalização de grupos nacionais.

A internacionalização é uma inovação desafiadora, pois, visando obter novos espaços de valorização (China, EUA, África), exige que um grupo domine cadeias globais e se exponha a uma dura concorrência.

A promessa é obter lucros, empregos, divisas e competitividade. Mas os riscos são altos e os retornos, de longo prazo. Por isso, o uso da renda variável é desejável, permitindo ao Estado compartilhar os lucros.

No campo tecnológico, na década passada foram ampliadas significativamente as fontes de recursos para inovação, via Lei do Bem, Lei da Inovação e linhas da Finep e do BNDES. A oferta de recursos, porém, não necessariamente significa maior demanda das empresas por ampliar as atividades inovadoras.

Nesse sentido, outra iniciativa é o Inova Empresa. Seu avanço está em o Estado, por meio de chamadas públicas, definir os desafios -como o carro elétrico na energia, os medicamentos de base biotecnológica em fármacos e o etanol de segunda geração- para que as empresas se organizem para buscar os recursos de subvenção e financiamento privilegiados da Finep e do BNDES.

Os projetos poderiam ter sido apresentados anteriormente, pois as linhas já existiam. Porém a sinalização do Estado ajudou a alinhar as iniciativas privadas.

Contudo, essas foram ações relativamente conservadoras. As operações de fusões do BNDES partiram de iniciativas do mercado e ocorreram em setores tradicionais, como o de carnes, em que o país já tinha grupos competitivos. A exigência de maturidade é uma

limitação das grandes operações de renda variável, que visam mais ao lucro do projeto e não da carteira, ainda que num horizonte mais largo do que os dois ou três anos exigidos pelos fundos privados de "equity".

No Inova Empresa, o caso mais bem sucedido é o da produção de etanol a partir do bagaço da cana. Claro, o país já era competitivo no setor em razão de um esforço tecnológico público de longa data.

Em casos mais incipientes, o modelo do Inova Empresa ajuda, mas pode não ser suficiente. Como destacou Ozires Silva, fundador da Embraer, em entrevista recente à Folha, o Brasil pode estar perdendo a chance de criar uma montadora nacional a partir de investimentos nas tecnologias do carro elétrico.

O problema é que existe um forte viés ideológico contra a atuação do Estado, que sem dúvida envolve riscos, tanto de mercado quanto de captura dos recursos públicos por iniciativas que visam apenas a extrair rendas inapropriadas.

No entanto, é preciso enfrentar tais riscos e tal viés, pois a articulação público-privada é crucial para o sucesso de mercado no capitalismo.

Produção cresce no Brasil com maior oferta de cana – O Estado de São Paulo, Economia. 24/11/2013

Segundo a Unica, excedente de 50 milhões de toneladas nesta safra foi destinado ao biocombustível

A oferta de etanol no mercado nacional deve crescer 17% nesta safra 2013/14 (de abril a março), de acordo com Antonio de Pádua Rodrigues, diretor técnico da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar). Se confirmadas as estimativas, as usinas do País devem encerrar o atual ciclo com produção de 27 bilhões de litros, ante 23 bilhões da safra anterior (2012/13).

O aumento da oferta reflete a elevada produção de cana neste ano, beneficiada pelas melhores condições climáticas. No Centro-Sul, principal região produtora do País, a oferta cresceu cerca de 50 milhões de toneladas, para 590 milhões de toneladas. "Todo esse volume excedente foi voltado para a produção de etanol", afirmou.

A produção da cana na Região Nordeste, que responde por cerca de 10% da produção nacional, deve ficar estável, em torno de 60 milhões de toneladas.

Do total produzido no Brasil, 24 bilhões de litros de etanol são para combustíveis - 11 bilhões de litros de anidro (usado na mistura com a gasolina) e 13 bilhões de hidratado. Os outros três bilhões de litros são destinados a outros fins, como indústrias química e de bebidas, por exemplo.

Incentivos. A expectativa é de que não haja problemas de oferta na entressafra (de janeiro a março). Rodrigues afirmou que a demanda pelo combustível cresceu este ano, como reflexo da elevação da alíquota de mistura de 20% para 25%, em vigor desde maio último. À mesma época, o governo federal deu uma série de incentivos para o etanol, como a liberação de linhas de crédito para produção e estocagem, no valor de R\$ 6 bilhões. Além da desoneração do PIS/Cofins, o equivalente a R\$ 0,12 por litro, distribuído para toda a cadeia. "Os preços tornaram-se mais favoráveis nas bombas", disse o diretor da Unica.

A vantagem econômica da utilização de etanol sobre a gasolina, contudo, somente foi revertida há poucos meses - compensa abastecer com o biocombustível quando a cotação fica em até 70% da gasolina.

A maior oferta de etanol no País também reflete a queda das exportações. Dados da Unica indicam que os embarques deverão ficar em 2,5 bilhões de litros nesta atual safra, recuo de 19% sobre o ciclo anterior, de 3,1 bilhões de litros.

Baixo investimento. A produção para 2014 continua indefinida. "Vai depender do clima", afirmou o diretor. Segundo ele, as usinas do Centro-Sul não estão estimuladas a fazer investimentos na renovação dos canaviais, que tradicionalmente atingem 20% do total plantado pelas usinas. A baixa rentabilidade do setor nos últimos anos tem inibido os investimentos nos canaviais. / M.S.

Sonegação no mercado de etanol é recorde. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia. 24/11/2013

Diferença entre as notas de saída das usinas e de venda nos postos é de 2 bilhões de litros

A "informalidade" no mercado de etanol hidratado atingiu volume recorde no acumulado deste ano até julho - e a expectativa para 2013 é que essa marca supere os 2 bilhões de litros, o equivalente a quase dois meses de consumo, segundo afirmaram fontes ao 'Estado'. Esse cálculo é feito com base na diferença do volume do combustível vendido pelas usinas às distribuidoras e das distribuidoras para a revenda.

No acumulado de janeiro a julho, as usinas reportaram vendas de 6,945 bilhões de litros de etanol hidratado, enquanto a comercialização para a revenda ficou em 5,788 bilhões de litros - uma lacuna de quase 1,15 bilhão de litros, de acordo com levantamento com base nos dados da Agência Natural do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Em 2012, essa lacuna ficou em 1,18 bilhão, uma alta de 22% sobre 2011. Entre janeiro e julho deste ano, a estimativa é que o volume de etanol na informalidade representa R\$ 500 milhões a menos em arrecadação de impostos, segundo fontes.

Essa diferença do volume comercializado das usinas para as distribuidoras e das distribuidoras para revenda é tratada como sonegação. "O que ocorre é que algumas

distribuidoras estão vendendo o combustível a partir de uma única nota fiscal para vários postos (prática conhecida no mercado como nota clonada). Outras companhias também vendem, irregularmente, etanol para postos de outras bandeiras, o que é proibido por lei (as distribuidoras são obrigadas a vender o combustível para postos de sua revenda ou para os chamados postos de bandeira branca, com são chamadas as empresas independentes)", diz fonte.

Cerca de 170 distribuidoras de combustíveis têm autorização para atuar no País, das quais 130 estão em operação, segundo a mesma fonte. "As maiores fraudes estão nos Estados de São Paulo e Paraná."

"Onde está esse 'estoque', que já representa cerca de 10% da produção nacional de hidratado?", questiona Helvio Rebeschini, diretor de Planejamento Estratégico do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes (Sindicom). "As usinas informam mensalmente as vendas feitas à ANP. Por que algumas distribuidoras não repassam seu relatório?", complementa Antonio de Padua Rodrigues, diretor técnico da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica).

Há pelo menos cinco anos, produtores de etanol e as distribuidoras de combustíveis associadas ao Sindicom fazem coro e cobram da ANP explicação sobre essa divergência de dados. "A novidade não está na sonegação. O problema é que os volumes de etanol atribuídos à informalidade cresceram muito nos últimos meses. O acumulado deste ano até julho já atingiu a marca de 2012", diz Rebeschini.

Fiscalização. Na quinta-feira, esse assunto voltou a ser pauta na ANP. Ao Estado, a ANP informou, por meio de sua assessoria, que foram instaurados 70 processos administrativos por inadimplência de Sistema de Informações de Movimentação de Produtos (Simp) no ano passado. O Simp tem por objetivo a monitoração, de forma integrada, dos dados de produção e movimentação de produtos na cadeia de distribuição e revenda de combustíveis. O total de multas superou R\$ 3 milhões.

A ANP informou que no último trimestre instituiu o Grupo de Fluxos Logísticos de Biocombustíveis (GFLbio) para avaliar os fluxos logísticos de produção, transporte e armazenagem de biocombustíveis (etanol e biodiesel). Uma equipe tem a missão de, com base nos fluxos logísticos, identificar diferenças nas declarações de comercialização de etanol combustível.

Para as usinas e o Sindicom, as multas e a fiscalização precisam ser mais rígidas. "Essas estatísticas atuais distorcem a atual demanda", diz Rodrigues.

Preço do etanol sobe na usina e ao consumidor em São Paulo. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 25/11/2013

SÃO PAULO - Os preços do etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, subiram 0,5% aos consumidores do Estado de São Paulo na semana encerrada

em 23 de novembro, segundo dados da Agência Nacional de Petróleo (ANP). O preço médio do litro do hidratado foi vendido nos postos a R\$ 1,784 na última semana, ante R\$ 1,775 dos sete dias anteriores.

O aumento é reflexo da alta dos preços do etanol hidratado na usina em São Paulo. O indicador Cepea/Esalq referente às cotações do biocombustível na semana entre 19 e 21 de novembro subiu 1,09%, a R\$ 1,2199 o litro. Em quatro semanas, o indicador acumula alta de 4,9%.

Apesar da alta ao consumidor, a paridade do preço do etanol com a gasolina no Estado de São Paulo foi de 65,73%, uma leve alteração em relação a 65,32% da semana anterior. Para ser considerado vantajoso ao consumidor usar etanol, seu preço tem que ser inferior a 70% do preço da gasolina.

Nos outros três Estados onde é mais vantajoso usar etanol — Paraná, Goiás e Mato Grosso — o preço do biocombustível ao consumidor recuou. No Paraná a queda foi de 0,46%, em Goiás, de 0,20% e no Paraná, de 0,46%.

Herança maldita. Adriano Pires – O Estado de São Paulo, Economia. 29/11/2013

Mercado = intervenção + populismo. É com essa definição que o governo elabora as políticas públicas para o setor de energia. A consequência são o caos e a total desordem pelos quais passa o setor no País.

No petróleo, o governo insiste numa política de preço para a gasolina e o diesel baseada no viés do controle da inflação. Não deixa os preços seguirem a tendência do mercado internacional e, como consequência, a Petrobrás é a única petroleira de capital aberto no mundo que, quanto mais vende gasolina e diesel, mais tem prejuízo. Faz um leilão da maior reserva do pré-sal e só aparece um consórcio. O governo, com seu olhar exclusivamente de curtíssimo prazo e sem nenhuma sensibilidade sobre temas globais como o meio ambiente, prefere desonerar combustíveis poluidores como a gasolina e o óleo combustível em detrimento do etanol e do gás natural.

No gás natural a política não é diferente. A Petrobrás vende gás natural para as térmicas, que são clientes flexíveis - ou seja, não compram o tempo todo -, pela metade do preço pago pelos clientes firmes, no caso as distribuidoras. Com muita intervenção e uma alta dose de populismo, o governo só cria incertezas regulatórias e insegurança jurídica. Isso diminui a atratividade dos investidores privados e a Petrobrás é obrigada a assumir as taxas de retorno patrióticas. Exemplo são as refinarias. Todas as 12 refinarias existentes no Brasil pertencem à Petrobrás e a estatal ainda é obrigada a construir mais 4. Enquanto isso, nos EUA, onde mercado é mercado, existem 144 refinarias, todas privadas, inclusive a famosa Pasadena, da Petrobrás. Faz sentido transportar de caminhão, de São Paulo, a gasolina e o diesel consumidos no Centro-Oeste? Faltam sinais econômicos que atraiam o privado para a construção de dutos.

No setor elétrico, com a publicação da Medida Provisória (MP) 579, em setembro de 2012, o governo tentou revogar a famosa lei da oferta e da procura, e com isso criou enorme bagunça regulatória e jurídica no setor. No que ficou conhecido como o 11 de Setembro do setor elétrico do País, o governo, na hora de renovar as concessões, resolveu, de forma autoritária e populista, reduzir os preços justamente num momento de escassez de energia.

Se algum cidadão estrangeiro desavisado chegasse ao País no dia 11/9/2012 e comprasse um jornal, leria duas notícias. A primeira era que os reservatórios brasileiros estavam com níveis baixos e isso obrigaria o governo a ligar as térmicas, que são mais caras. A segunda notícia era o governo anunciando uma redução no preço da energia. Essa política gerou enormes prejuízos para a Eletrobrás e empresas como Cesp e Cemig, que não aderiram à MP, hoje apresentam resultados positivos. Outra curiosidade: no período úmido, quando chove, os preços da energia são mais caros do que nos períodos de seca. Dá para entender? Se algum de nós andar pelas ruas das principais cidades brasileiras, vai verificar que a maioria dos prédios comerciais e residenciais de luxo tem geradores a diesel. Qual seria a explicação? Falta de confiabilidade no sistema elétrico, afinal, comprar um apartamento de R\$ 10 milhões ou mais e se arriscar a ficar sem elevador e ar-condicionado não dá. No caso dos estabelecimentos comerciais, no horário de pico, gerar com diesel é mais barato do que a tarifa da concessionária. É bom lembrar que o diesel é poluente e importado. Esse é o "mercado" elétrico brasileiro.

Ao desafiar as regras de mercado, tentando subvertê-las para controlar a inflação e, ao mesmo tempo, ser um ingrediente para ganhar eleições, o governo transformou as ações da Petrobrás e da Eletrobrás em ações preferenciais de especuladores. As ações das duas principais estatais brasileiras passaram a subir e descer impulsionadas por boatos e suposições, e não pelos seus fundamentos. Ao fim e ao cabo, mercado = intervenção + populismo gera incerteza regulatória, insegurança jurídica e transforma país rico em energia em país dos apagões e dos especuladores. Isso, sim, é herança maldita.

É DIRETOR DO CENTRO BRASILEIRO DE INFRAESTRUTURA (CBIE)

Usinas de etanol dizem que reajuste da gasolina não eleva competitividade. Gustavo Bonato – O Estado de São Paulo, Notícias. 29/11/2013

O aumento de 4 por cento no preço da gasolina nas refinarias anunciado pela Petrobras poderia significar uma leve e pontual melhora na competitividade do etanol, mas o aumento de 8 por cento no diesel deve neutralizar qualquer benefício para as usinas, disse nesta sexta-feira a entidade que representa as principais empresas do setor sucroenergético.

"O impacto da alta do diesel no custo de produção do etanol é muito significativo. Devido ao grau de mecanização hoje na atividade agrícola, o diesel mais caro afeta plantio, colheita, carregamento e transporte", disse o diretor técnico da União da Indústria de Cana-de-Açúcar, Antonio de Padua Rodrigues, em nota.

A Unica afirmou que persiste a "falta de previsibilidade na formação do preço da gasolina", considerada um dos maiores obstáculos para mais investimentos no setor de açúcar e etanol, incluindo a construção de novas usinas.

"Continuamos sem um sistema, uma fórmula com parâmetros claros e estáveis, que torne possível entender qual o embasamento para manter ou ajustar o preço da gasolina", disse o diretor da Unica.

O preço da gasolina é considerado um limitador para o preço do etanol e para a renda das usinas, porque para ser atrativo ao consumidor, o biocombustível precisa ser vendido nos postos a no máximo 70 por cento do valor da gasolina.

BIODIESEL

Preço médio do biodiesel recua 12,7% em 2013. José Roberto Gomes – O Estado de São Paulo, Economia. 04/11/2013

O preço médio do biodiesel negociado nos seis leilões da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) neste ano alcançou uma média de R\$ 2,08/litro. Trata-se de uma queda de 12,7% em relação ao preço nominal médio de 2012, destaca a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), em nota.

De acordo com a entidade, a ampla safra de soja (matéria-prima para o biocombustível), grande disponibilidade mundial de óleos vegetais e "significativa" ociosidade do parque instalado para a produção de biodiesel no País (cerca de 60%) respondem por essa redução.

A Abiove informa, ainda, que o Brasil produziu 245,8 milhões de litros de biodiesel em agosto deste ano, 3,4% menos que o observado em agosto de 2012. Em relação a julho passado, período em que foram produzidos 257,2 milhões de litros, houve uma queda de 4,4%. A principal região produtora continua sendo a Centro-Oeste, com 42% do total fabricado, seguida da região Sul, com 36%, e do Nordeste, com 11%.

Preço médio do biodiesel recua 12,7% em 2013. José Roberto Gomes – O Estado de São Paulo, Economia. 04/11/2013

O preço médio do biodiesel negociado nos seis leilões da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) neste ano alcançou uma média de R\$ 2,08/litro. Trata-se de uma queda de 12,7% em relação ao preço nominal médio de 2012, destaca a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), em nota.

De acordo com a entidade, a ampla safra de soja (matéria-prima para o biocombustível), grande disponibilidade mundial de óleos vegetais e "significativa" ociosidade do parque

instalado para a produção de biodiesel no País (cerca de 60%) respondem por essa redução.

A Abiove informa, ainda, que o Brasil produziu 245,8 milhões de litros de biodiesel em agosto deste ano, 3,4% menos que o observado em agosto de 2012. Em relação a julho passado, período em que foram produzidos 257,2 milhões de litros, houve uma queda de 4,4%. A principal região produtora continua sendo a Centro-Oeste, com 42% do total fabricado, seguida da região Sul, com 36%, e do Nordeste, com 11%.

NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

BIODIESEL

Menos biocombustíveis nos postos americanos em 2014 – Valor Econômico, Agronegócios. 18/11/2013

O governo dos EUA propôs na sexta-feira reduzir as exigências para o uso de biocombustíveis no país em 2014, cedendo parcialmente à pressão da indústria petrolífera.

A Agência de Proteção Ambiental (EPA) propôs um corte geral no uso de combustíveis renováveis nos EUA, onde eles são produzidos sobretudo a partir do milho e, em menor escala, da soja. Mas a medida afeta também o etanol de cana do Brasil, que exporta aos EUA. Pela proposta, a demanda ficaria entre 15 bilhões e 15,52 bilhões de galões.

Nessa banda, a meta estabelecida pela agência foi de 15,21 bilhões de galões, ante os 18,15 bilhões previstos em lei e menos que a meta deste ano (16,55 bilhões). A agência também alertou que os EUA estão perto de usar uma mistura de etanol na gasolina maior que o percentual de 10% previsto, o que poderia levar as refinarias a reduzir a produção de gasolina ou a exportar mais, com reflexos sobre preços e abastecimento.

Quando o Congresso americano aprovou a legislação sobre combustíveis renováveis, a expectativa era de que a procura por gasolina no EUA seria crescente, mas nos últimos anos a demanda esbarrou na maior eficiência dos carros e no aumento do número de caminhões leves.

A proposta da EPA, que agora ficará em consulta pública por 60 dias, foi aquém do requisitado por dois importantes grupos de petróleo e gás, que defendiam uma meta de 14,8 bilhões de galões para os combustíveis renováveis em 2014.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

Secretária

Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa